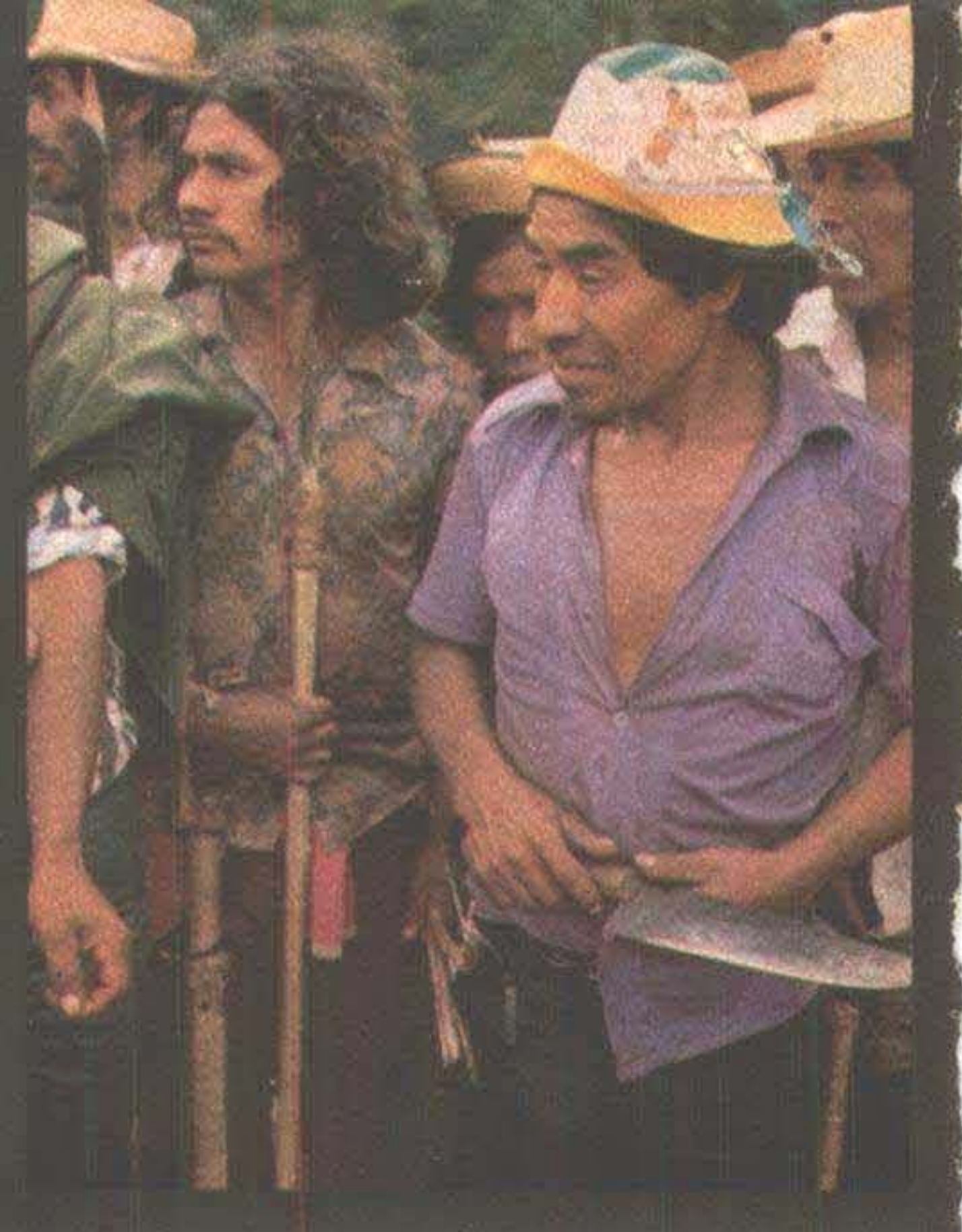




COMPORTAMENTO



Os caigangues incendiaram sete escolas rurais para mostrar sua insatisfação, depois se armaram... 10-5-78
veja

Os conflitos de Nonoai

O sinal de guerra apareceu às primeiras horas da madrugada de quarta-feira atrasada, dia 3: sete pequenas escolas rurais foram incendiadas na reserva indígena de Nonoai — zona noroeste do Rio Grande do Sul, junto à fronteira com Santa Catarina. Nos dias seguintes, os índios caigangues percorreram alguns casebres de colonos brancos instalados na reserva e deixaram um segundo aviso, este mais explícito: queriam, conforme disseram em cada domicílio visitado, que os brancos fossem embora.

Armados com revólveres e espingardas de pequeno calibre, facas, arcos, flechas, bordunas e lanças improvisadas com pontas de canivetes, os caigangues conseguiram se fazer ouvidos. No fim da semana passada, com efeito, as estradas da região já estavam tomadas por dezenas de caminhões contratados às pressas pelos colonos, que começavam a abandonar a área com seus poucos móveis, bois, porcos, galinhas e sacos de feijão, milho e soja amontoados nas carroçarias. Vitória das 232 famílias de caigangues sobre as 965 das de colonos que ocupam 70% dos 14 910 hectares da reserva? Conforme pôde observar Luiz Cláudio Cunha, chefe da sucursal de VEJA em Porto Alegre, que acompanhou a movimentação em Nonoai nas duas últimas semanas, não existe claramente um lado vencedor nesta briga de índios miseráveis contra colonos pobres.

Como prova a retirada das famílias,

os brancos batalhões de caigangues foram capazes, no entanto, de espalhar algum temor entre os colonos. “Índio fala até certo ponto, mas chega hora que conversa não dá mais, e aí índio faz”, explicava, sorridente, o “coronel” Armândio Vergueiro, 35 anos e segundo em importância dentro do grupo caigangue de Nonoai.

Vestido à moda branca, inclusive de botas e chapéu, Armândio se fazia acompanhar por cinquenta índios, entre os quais não faltavam indumentárias tão inesperadas como calças jeans, camisetas olímpicas, tênis e até bonés verde-amarelos com a atualíssima inscri-

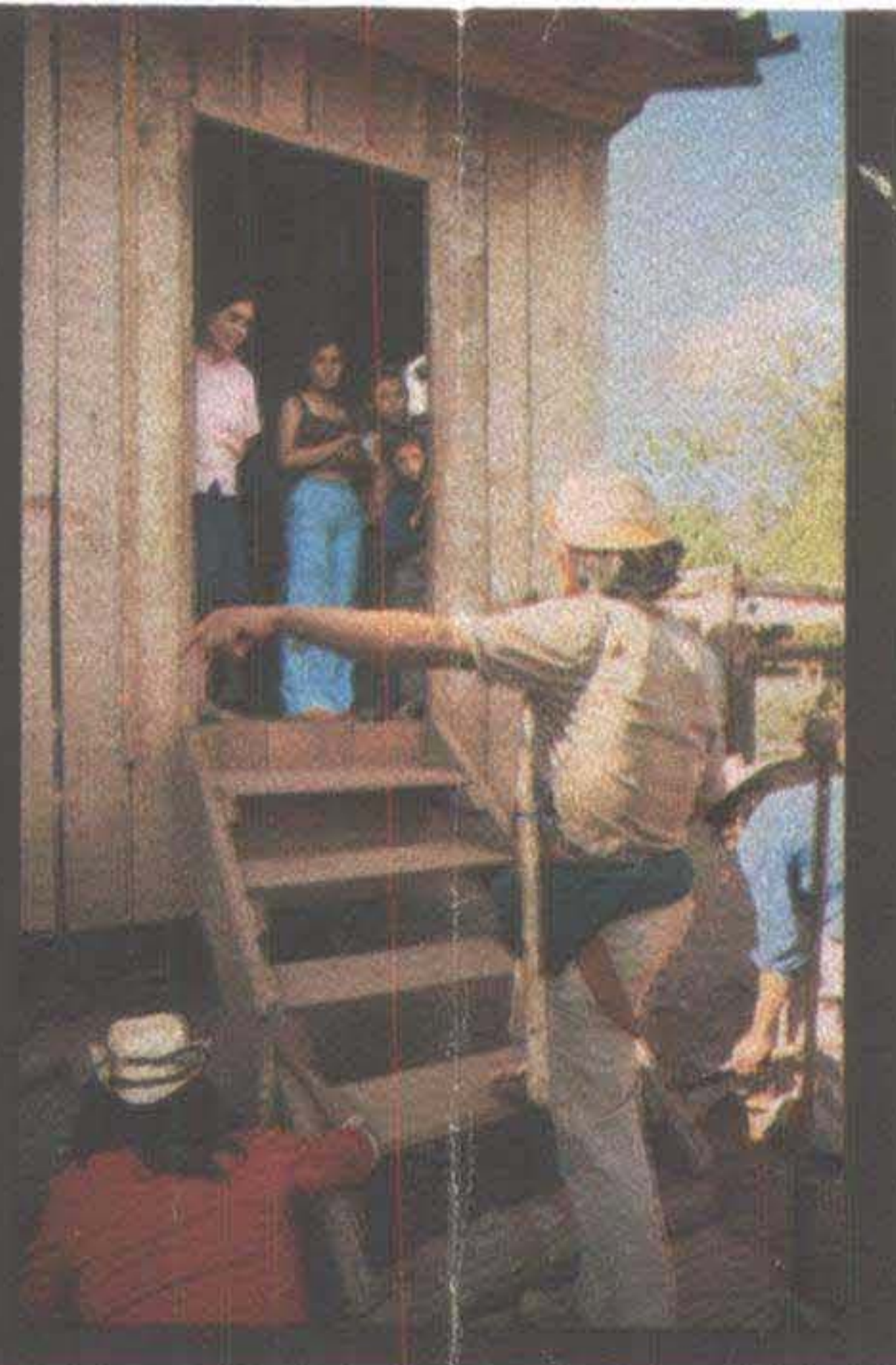
ção “Argentina-78”. Eles se queixam de que as autoridades e as leis não solucionaram a questão da ocupação da reserva pelos colonos — uma invasão contra a qual se batem há mais de dez anos. “Agora é a lei do índio que vai valer”, afirma Armândio. E completa: “O branco veio ser intruso na terra do índio. Agora, o índio vai ser intruso para expulsar o branco”.

Porco na brasa — Com essa inabalável disposição, mas sempre rindo e brincando entre si, os caigangues partem para suas incursões de despejo dos colonos como se participassem de um jogo divertido. A primeira a ser visitada e a sair foi Ozélia Cordeiro, 36 anos, nove filhos, que no sábado atrasado já ordenava em frente de casa seu magro

Expulsas, as famílias juntam seus pertences para ir embora . . .



FOTOS RICARDO CHAVES



... e saíram em expedições de intimidação contra as famílias de colonos que vivem na reserva de Nonoai

espólio a ser transportado: cinco porcos, três bezerras, fogão, camas e cinquenta sacos de milho colhidos nos 2 alqueires que ocupava. Um porco lhe foi tomado pelos índios, que o abate-ram a porretadas, assaram e comeram ali mesmo. “Uma multinha pela ocupa-ção da nossa terra”, justificaram.

Essa multa vem sendo cobrada dia-riamente de lá para cá, mas as casas dos colonos não são nunca saqueadas. Nessas incursões, as patrulhas de inti-midação costumam sair do mato e cer-car a casa da família branca. Geral-mente, só encontram mulheres e crian-ças. Para evitar uma inútil disputa em armas, os chefes das famílias andam desaparecidos de casa desde que as or-dens de despejo começaram a ser dadas em pessoa pelos índios. A fuga, de todo

modo, não prejudica os que ficam, pois os caigangues só gostam de desafiar ho-mens para lutar. Na falta dos homens, parlamentam com as mulheres e dão prazo para a retirada. E nunca deixam dúvidas sobre seus desígnios. “Primeiro aviso com calma; segundo aviso com raiva; terceira vez pau pega na cabeça”, conforme reza a sintética mensagem passada às mulheres dos colonos.

Devido a essa atitude belicosa, des-conhecida no passado, alguns brancos de Nonoai chegaram a levantar, em be-nefício próprio, a suspeita de que os índios estivessem sendo insuflados por alguém de fora. A tese não vingou. Mesmo porque a pretendida doutrina-ção às escondidas não teria razão de ser — o próprio presidente da Funai, gene-ral Ismarth de Araújo Oliveira, se refe-

riu aos brancos de Nonoai como “intru-sos”, em conferência que manteve du-rante três dias com 23 caciques do sul do país, no fim do mês passado. Nesse encontro, que contou com a presença de Xangrê, cacique dos caigangues, Oliveira manifestou seu desejo de pro-mover enfim a desocupação das terras indígenas invadidas por colonos.

É verdade que o governo gaúcho e a Funai enviaram funcionários graduados e 120 homens da Brigada Militar para a reserva. Mas esses recém-chegados não estão lá para evitar os despejos. Os homens da Funai, por seu lado, já garan-tiram aos índios que dentro de trinta dias no máximo todos os brancos estarão fo-ra da reserva. E os policiais, em regime de vigia apenas preventiva, observam a ação dos índios e nada fazem.

... enquanto os índios, satisfeitos, brincalhões, abatem e assam um porco confiscado da família invasora

